



Data: 28.10.2014

Título: Um quarto das crianças que beneficiavam de RSI perdeu direito ao apoio

Pub:



Tipo: Jornal Nacional Diário

Secção: Nacional

Pág: 1;12;13



Um quarto das crianças que beneficiavam de RSI perdeu direito ao apoio

No ano passado, as famílias de quase 35 mil crianças deixaram de receber Rendimento Social de Inserção, devido a sucessivos cortes na prestação, diz relatório da Unicef sobre impacto da crise nos mais jovens **Portugal, 12/13**

Área: 1088cm² / 38%

Tiragem: 72.253

FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 4973582



Unicef revela os medos de crianças que vivem com a crise

Relatório

Relatório aconselha Governo a criar uma estratégia nacional de combate à pobreza infantil e recomenda acesso gratuito às creches dos zero aos três anos para as famílias mais pobres

Natália Faria

Há medo de perder a casa, preocupação face à tensão em que sentem os pais, receio de que a comida desapareça da mesa. Além de mostrar que os casais desempregados aumentaram 688%, só entre Outubro de 2010 e Julho de 2013, o relatório da Unicef intitulado *As Crianças e a Crise em Portugal* é o primeiro a debruçar-se sobre o real impacto da crise entre as crianças e os adolescentes portugueses.

Ao dar-lhes a voz, o documento divulgado ontem levanta o véu sobre uma realidade demasiadas vezes escondida entre quatro paredes. “Quando a senhora dizia o preço dos remédios, o meu pai ficava assustado, porque eram muito caros e eram imensas coisas”, conta uma adolescente de 12 anos, uma entre as 77 crianças, com idades entre os oito e os 17 anos, que foram ouvidas no âmbito neste relatório e de onde emanam recomendações como a criação de uma estratégia nacional para a erradicação da pobreza infantil. “A minha avó foi com a gente às compras e ela pagou as compras duma semana e coisas assim”, conta um adolescente, de 16 anos. E ainda: “A minha mãe ficou sem trabalho (...). Ela tirou-me da natação, da ginástica, da música (...) do inglês.” E há o caso do miúdo de nove anos, mãe desempregada, que relata: “O banco até já esteve a ameaçar os meus pais que ia tirar a casa.” Estes relatos remetem-nos para as consequências práticas e quotidianas de vários anos de desinvestimento nas

políticas públicas de apoio à família, como constata o estudo encomendado a uma equipa de investigadoras do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, coordenado pelas investigadoras Karin Wall e Ana Nunes de Almeida e que mostra como a crise está a repercutir-se nas crianças, “com consequências a médio e longo prazo”.

“A partir de 2010, a situação económica e financeira de Portugal agravou-se com a adopção de um conjunto de medidas de austeridade que tiveram e continuam a ter repercussões directas no bem-estar das crianças a nível da saúde, da educação e dos apoios sociais do Estado às famílias, especialmente às mais carenciadas”, escrevem as autoras do relatório, sublinhando que “a elevada taxa de desemprego” gera “não só situações de carência económica grave, mas também de elevada instabilidade emocional e psicológica que afectam as vivências das crianças”.

“Os Governos têm decisões difíceis a tomar”, disse ontem a directora do Comité Português para a Unicef, Madalena Marçal Grilo. “Tem que haver cortes orçamentais e medidas de austeridade”, mas antes de as aplicar o Estado tem de ter “em atenção os impactos que vão ter nos mais vulneráveis”, afirmou aos jornalistas, no final da apresentação do relatório.

O diagnóstico relativo a 2012 mostra-nos que havia 678 mil pessoas em situação de incumprimento face a dívidas contraídas, lê-se. E, desde

então, continua a aumentar “a taxa de privação das famílias com crianças em situação de pobreza relativamente à capacidade para pagar dívidas, empréstimos, rendas, contas e despesas imprevistas, assim como a possibilidade de ter um carro”.

Mais casais desempregados

O retrato em números mostra-nos que, em 2011, havia 560 mil crianças em risco de pobreza e exclusão social. “Cerca de uma em cada três crianças (28,6%) encontrava-se em risco de pobreza ou exclusão social”, diz o relatório, sublinhando que 21,8% das crianças viviam “em agregados com rendimentos *per capita* inferiores a 416 euros por mês”.

Se considerássemos o risco de pobreza antes das transferências sociais (subsídios, pensões, abonos de família), teríamos 33% das crianças em situação de vulnerabilidade económica. Nas famílias monoparentais – os Censos 2011 mostravam que estas perfaziam 14,9% do total de famílias –, em que a figura parental fica desempregada, o risco de pobreza sobe para os 90%.

Nas famílias de casais com filhos em que um dos adultos está desempregado, o risco de pobreza atingia uns expressivos 34,3%. E se os dois adultos ficarem desempregados, o risco de pobreza sobe para 53,2% – mais de metade, portanto. Lembremo-nos agora que, em 2011, eram cerca de 723 mil os adultos desempregados com crianças a seu cargo. Não surpreende assim que, naquele mesmo ano, mais de um quarto das crianças portuguesas (25,2%) estivesse em privação material.

E a situação piorou. Entre Outubro de 2010 e Junho de 2013, o número de casais desempregados inscritos nos centros de emprego aumentou mais de 688%: de 1530 para 12.065. Em Fevereiro de 2013, havia 26.374 indivíduos a viver em casal em que

ambos os cônjuges estavam desempregados. Daqueles, apenas 5602, ou seja, cerca de um quinto, tinham direito à majoração de 10% no subsídio de desemprego. “O stress causado pela falta de dinheiro e a incerteza em relação ao futuro afecta não só o relacionamento entre o casal, mas também o relacionamento entre pais e filhos, que, em casos extremos, poderá levar a situações de negligência ou mesmo de violência”, alerta.

No capítulo dedicado às políticas públicas nestes anos de crise, o relatório constata que houve uma redução significativa do apoio económico do Estado às famílias. Ao mesmo tempo que aumentaram os impostos, o acesso a prestações como o Rendimento Social de Inserção, abono de família, acção social escolar e subsídio social de desemprego ficou muito mais restrito. E o montante dos apoios financeiros também diminuiu. No caso do abono de família, por exemplo, 546.354 crianças perderam o direito àquela prestação, em 2010. Corresponde isto a 30% dos beneficiários. Por outro lado, a des-

pesa do Estado com esta prestação caiu 33% em 2011. Em 2012, com uma nova quebra de cerca de 4%, o valor da despesa com esta prestação “a preços constantes” aproximou-se do valor de 2002.

Na comparação internacional, e no que toca ao apoio às famílias, Portugal não se sai muito bem na fotografia: em 2009, o Estado português investiu 1,7% do PIB em despesas com prestações familiares, contra os 2,6% da média dos países da OCDE. Na Suécia é de 3,75% e em França de 3,98%.

No capítulo das recomendações – e entre reparos ao aumento do número legal de crianças por sala no pré-escolar, o que “põe em causa a qualidade dos serviços prestados, a segurança e o bem-estar das crianças” –, a Unicef começa por lembrar que “a recuperação da crise deve começar com os mais vulneráveis e desprotegidos”. No seguimento dessa lógica, propõe a criação de uma estratégia nacional para a erradicação da pobreza infantil centrada nos direitos da criança que “promova uma intervenção integrada e coordenada das

várias áreas sectoriais (saúde, educação, serviços de segurança social, emprego, finanças), definindo metas de objectivos concretos”.

O Governo é também aconselhado a avaliar o potencial impacto das políticas de resposta à crise na vida das crianças. A garantia de acesso gratuito das crianças entre os zero e os três anos de idade e provenientes de famílias carenciadas à educação pré-escolar é outra das recomendações do Comité Português para a Unicef. Por último, sugere-se ainda a criação de uma entidade para os Assuntos das Crianças e da Juventude para coordenar e monitorizar a aplicação da Convenção Sobre os Direitos da Criança em Portugal.

688%

Entre Outubro de 2010 e Junho de 2013, o número de casais desempregados nos centros de emprego aumentou mais de 688%: de 1530 para 12.065



Relatório As Crianças e a Crise em Portugal mostra os efeitos de cortes no apoio às famílias

Data: 28.10.2014

Título: Um quarto das crianças que beneficiavam de RSI perdeu direito ao apoio

Pub:



Tipo: Jornal Nacional Diário

Secção: Nacional

Pág: 1;12;13



O QUE DIZEM AS CRIANÇAS

"Quando não há comida, os meus pais fazem isto: deixam de comer para nos dar à gente"

Fernando, 14 anos, família numerosa, pai desempregado, minoria étnica, deficiência

"A electricidade é assim, às vezes pagam os meus avós e o outro mês pagamos nós"

Daniel, 10 anos, pais desempregados

"Ela também comprava daqueles suminhos pequeninos para levar para meio da manhã. Agora tenho levado umas sandes para meio da manhã sem nada para beber"

Leonor, 15 anos, família monoparental

"(...) a minha mãe ficou sem trabalho (...). Ela decidiu tirar-me da natação, da ginástica, da música (...), do inglês"

Maria, oito anos, família monoparental alargada, mãe desempregada

"Tenho medo de ficar pobre. Os meus pais ficaram os dois sem emprego e depois podem não ter dinheiro para pagar as coisas"

Carolina, 11 anos, família nuclear

"Os Governos têm decisões difíceis a tomar", disse ontem a directora do Comité Português para a Unicef, Madalena Marçal Grilo



Área: 1088cm² / 38%

Tiragem: 72.253

Foto: 4 Cores

ID: 4973582